

Fernando Dacosta
Máscaras de Salazar

Índice

I – A MADRUGADA	11
II – A MANHÃ	59
III – A TARDE	133
IV – A NOITE	237
V – A VÉSPERA	317

I

A MADRUGADA

Numa noite de Setembro de 1968, uma limusina negra percorre em grande velocidade a Marginal, rumo a Lisboa. O tráfego, intenso a essa hora, obriga o motorista a manobras contínuas de travagem e aceleração. Rapidamente o veículo entra na cidade.

No Cais do Sodré, o sinaleiro de serviço manda-o parar. O homem que segue ao lado do condutor ordena com impaciência: avance, avance. É Silva Pais, director da PIDE, a temível polícia política do regime.

No banco detrás do automóvel, três vultos de fatos e chapéus escuros permanecem silenciosos. O da direita é Salazar. Os outros são os médicos Eduardo Coelho e Vasconcellos Marques.

Aos pés do presidente do Conselho recorta-se uma mala de cabedal, manchada pelo tempo, com roupas e objectos de *toilette*. É a mesma que, 42 anos antes, ele trouxera quando chegara à capital.

À distância, outro carro segue-o. Nele vão, acabrunhados, Maria de Jesus, governanta de São Bento, e Paulo Rodrigues, secretário de Estado da Presidência.

A aragem do rio suaviza o calor da cidade. Sem que os doentes e o pessoal de turno o reconheçam, Salazar entra no Serviço de Traumatizados Crânio-Encefálicos do Hospital de São José.

Vai trôpego e curvado. Não responde às perguntas que os clínicos lhe fazem, lhe vêm fazendo, desde que abandonou o Forte de Santo António do Estoril, onde passava as férias de Verão.

Quando fala, as palavras não encontram sentido. O pensamento quebra-se-lhe, o raciocínio desnivela-se-lhe.

Os exames são inconclusivos. Como serão os efectuados (electroencefalogramas) nos Capuchos. A sua carótida do lado esquerdo deixa de pulsar.

Quarto 68

O grupo voa para Benfica. Todo o sexto piso da clínica da Cruz Vermelha fora mobilizado, essa tarde, por Vasconcellos Marques, um dos seus clínicos de referência. O chefe do Governo deita-se, silencioso, no quarto número 68.

Figuras do regime chegarão nas horas seguintes: Américo Thomaz, Presidente da República, de Cascais; Bissaya Barreto, amigo de juventude, de Coimbra; Correia de Oliveira, ministro de confiança, da Suíça. É ordenada a prevenção dos quartéis e avisada a Censura.

Ao descer, pouco depois, para o bloco operatório, no quarto andar, Salazar encaminha-se para o fim. O fim do poder exercido ininterruptamente, totalitariamente, durante mais de quatro décadas; o fim, aos 81 anos, da vida.

A emoção apodera-se dos presentes. Nas redacções dos jornais a notícia cai como uma bomba.

A intervenção (esvaziamento de um hematoma craniano) faz-se, devido à debilidade do doente, com anestesia local.

Os resultados revelam-se satisfatórios. Boletins médicos chegam, na manhã seguinte, ao público.

Oito dias depois, porém, um grave acidente cerebral inutiliza-o para sempre.

Uma das páginas mais importantes da nossa História contemporânea é, ali, voltada.

CANTO DE CISNE

Salazar e o Estado Novo tornaram-se objecto de curiosidade crescente. Tudo o que lhes diz respeito, livros, artigos, testemunhos, estudos, teses, investigações, imagens, depressa se esgota, se coleciona. Se questiona. A procura da sua essência, da projecção da sua essência (cada vez maior número de pessoas quer, livre de traumas e radicalismos, conhecer esse período), ganha irreversibilidade.

Cumprida a denúncia do salazarismo, importa agora conhecer-lhe a atmosfera, a arquitectura.

Há uma atracção indisfarçável, sobretudo por parte dos jovens, por esse passado recente. Sem utopias nem referências de futuro (por enquanto), as pessoas agarram-se ao que lhes está mais próximo, lhes dá mais segurança. E o Estado Novo está-lhes próximo, dá-lhes segurança.

«É muito grande o interesse que se verifica pelo século xx. Nele, Salazar e Afonso Costa são personalidades verdadeiramente magnéticas, são os políticos mais em evidência antes do 25 de Abril», destaca o historiador Fernando Rosas. «Os mecanismos que levaram à imposição do Estado Novo, o que falhou na República, o que falhou em Portugal para surgir

a ditadura, estão a tornar-se pólos de grande curiosidade. São como que problemas existenciais que têm a ver com a nossa identidade.»

Há vários escritores, historiadores, professores, sociólogos, ensaístas, jornalistas, políticos, estudantes, que organizam trabalhos sobre a PIDE, a Legião, a Mocidade Portuguesa, o corporativismo, o Movimento Nacional Feminino, os plenários, sem preconceitos nem manipulações. Um português radicado em Londres prepara-se para editar em língua inglesa uma pormenorizada biografia do ex-presidente do Conselho.

Virar a situação

Multifacetada, a luta contra o Estado Novo começa antes de ele ter sido, em 1933, oficializado. Inicia-se a seguir à imposição da ditadura, consequência do 28 de Maio, através de atentados, revoluções, golpes – alguns falhados por muito pouco.

Franjas diversificadas da sociedade portuguesa contestaram, na verdade, e desde sempre, o regime saído do golpe militar que pôs fim ao sistema democrático da nossa, então, jovem e atribulada República.

Em todos os sectores germinaram, emergiram, repúdios a Salazar, que conseguiu, no entanto, vencê-los sistematicamente.

Os seus autores passaram, por pretenderem «virar» a situação, a ser alcunhados de «reviralhados», termo inspirado nos «viradeiros» surgidos a seguir à queda do Marquês de Pombal.

Uma eficiente máquina controladora é, entretanto, montada. Prisões, torturas, assassinios, exílios, des-

terros, generalizam-se contra os discordantes. Os comunistas organizam-se e clandestinizam-se.

O regime transfere a repressão («um safanão dado a tempo», segundo as palavras de Salazar) das ruas para os calabouços, das multidões para os indivíduos. O PCP, que o percebe, maleabiliza-se para resistir. Resiste.

Os seus quadros não têm pressa. Tentam mesmo esvaziar radicalismos, controlar sublevações, inflectir golpes, demover refractários.

O presidente do Conselho faz com que a sanha anticomunista se constitua uma obsessão. Precisa dela para se sentir providencial, se afirmar insubstituível.

A luta sem tréguas contra o comunismo, o Mal Supremo, dilata-lhe a existência, inspira-lhe a acção. É um jogo incansável, ambíguo, com lances de infundáveis e mútuas astúcias.

O País torna-se um campo dividido, repartido: num lado os bons, o seu; no outro os infieis, os opositores.

A revolução chinesa, a Guerra Colonial, o Maio de 68, fendem, entretanto, a vida portuguesa. Grupos rebelam-se nas universidades, na comunicação social, nos quartéis, nas fábricas, nas letras, nos espectáculos, na política, na Igreja.

CHAPÉUS E DISCURSOS

O regime sofre embates acerradíssimos. O corporativismo fizera-se-lhe uma teia austera, pudica, ritualista, cinzenta, de chapéus e discursos, granitos e maçãs, vinho tinto e água benta, sempre pesada, sempre previsível, sempre inamovível.

Será o canto de cisne do colonialismo, do imperialismo portugueses. Quis restituir-lhes a grandeza do passado («uma Pátria una e indivisível, do Minho a Timor»), mas cavou-lhes a queda; quis dilatar-lhes exércitos, recursos, misticismos, universalismos, mas viu renderem-se militares, debandarem mancebos, emigrarem famílias, rebelarem-se intelectuais, oporem-se-lhes nações.

Contra tudo, contra todos, Salazar e os seus fecharam-se sobre si («orgulhosamente sós»), radicalizaram-se («a Nação não se discute»), iludiram-se («os ventos da História hão-de dar-nos razão»), suicidaram-se («para Angola e em força»).

«Muito gostava de ver a confusão em que isto vai ficar depois de eu desaparecer», confidenciara o chefe do Governo, pouco antes da queda, a um amigo. «Por mim não me importava de uma certa perturbação, tenho, no entanto, pena dos novos, vão sofrer

muito. Dentro de 40 a 50 anos haverá cataclismos económicos e políticos na Europa. Receio que países como Portugal desapareçam.»

Seja bem-vindo

Conheci Salazar na segunda metade da década de sessenta. Jornalista a trabalhar, em início de carreira, numa agência internacional de notícias (a espanhola Europa-Press, da Opus Dei, então à conquista do mercado português), foram-me atribuídos os contactos com São Bento – Assembleia Nacional e Conselho de Ministros.

Ao ser-lhe apresentado, exclamou, afável: «Ah, é o novo recruta da informação, seja bem-vindo!»

Fiquei a olhá-lo em silêncio. Ele era para mim, desde criança, o ser mais poderoso do mundo, depois de Deus, de Nossa Senhora e do Demónio; era uma entidade que, por maldade, condenara os portugueses à miséria, à subjugação, ao sofrimento – ensinaram-me.

As maiores lágrimas, os maiores pavores, provinham, nos círculos que me envolviam, do seu nome. Familiares meus haviam sido perseguidos, presos, torturados, desterrados. Um deles fora para São João Baptista, Peniche e Tarrafal, por se ter levantado contra o regime e escrito o livro *Os Crimes da Ditadura* – destruído pela polícia. Diziam-no anarquista. Chamavam-lhe *o Pássaro*, pelo seu sentido de liberdade, de transfiguração.

A imagem do presidente do Conselho, sob a do Crucificado, fez-se-me companhia em todas as escolas por onde andei. Cresci ouvindo uns a endeusá-lo, outros a diabolizá-lo.

Na minha frente, ele revelava-se, de súbito, um anção de fortíssima personalidade e energia. Parecia imortal. Foi, durante muitos anos, imortal.

Os atentados, os ataques, as revoltas, os golpes contra si falhavam sistematicamente, um a um, como se o destino o tivesse feito inatingível.

Todos os que ouvira desejar-lhe a morte ou a queda morreram ou caíram sem o verem atingido – quantas garrafas de champanhe e jantares festivos conheci adiados, durante décadas, pelo seu não fim.

«A ida do gajo prò inferno significará a vinda para nós do paraíso», berrava o meu avô por tascas beirãs, ante *bufos* desinteressados do seu monocórdico revirralho.

Só quando, na Cruz Vermelha, ouço D. Maria solçar, «o senhor doutor está perdido, coitadinho, apenas um milagre o poderá salvar», quando vejo Américo Thomaz anunciar ao País a sua substituição, quando o contacto, perdido o poder, em São Bento, alheado, fantasmático, quando acompanho, mais tarde, o seu corpo, numa tarde abafada de Verão, ao cemitério do Vimieiro, só então me convenço de que ele era finito.

Malvista por Salazar e Cerejeira, a Opus Dei tentava afirmar-se cativando tecnocratas marcelistas e católicos progressistas (a emergirem nas áreas do poder), universitários e intelectuais (nas do contrapoder). Preparava, no fundo, espaço, influências, hipotecas, patrimónios.

Conheci por dentro a sua estratégia. Fui mesmo convidado a frequentar sessões, debates, encontros, concertos nas suas residências de luxo, disciplina

e amabilidade. O meu irremediável anarquismo (a não permitir ostentar, clube, igreja, escola, partido, *lobby*) rapidamente me tornou, porém, não digno de confiança.